

Um conto de Natal

Robert Weber

Era uma vez um povo que havia perdido uma guerra. À guerra perdida seguiu-se uma paz perdida e essa paz era a morte, a morte das crianças. Na guerra, caíam os guerreiros, mas a paz devorava a força das crianças. Centenas de milhares de crianças morriam dessa morte atroz instalada na paz, na Paz letal de Versailles.

E, quando o bom Deus, de seu trono, olhou para baixo e viu a morte das crianças e percebeu como os pequenos se espremiavam a caminho do céu, quase não restando mais nenhum espaço livre na resplandecente via nuvíosa, mandou construir um portão novo no seu céu, um magnífico e suntuoso portão para as crianças, que a falsa Paz tinha estrangulado. E também mandou fazer para as crianças uma nova estrada celeste, para que pudessem chegar em sossego e seguras ao céu. Mas, na terra arfante, a paz asfixiadora rompia os tênues fios da vida dos pequeninos e o bom Deus via isto.

O povo gritava noite adentro e implorava à paz, que poupasse as crianças. No entanto, quanto mais pedia, tanto mais ela aniquilava as vidas em flor. E o bom Deus via isto – e ele se entristecia.

Veio, então, o Natal e todos se alegraram: os doentes, os mancos, os cegos, os velhos e as crianças. A paz malvada, porém, alegrou-se mais do que todos, pois os cantos das crianças indicavam-lhe os caminhos onde sua mão assassina podia matar. Entrava nas casas, onde as velas do advento ardiam e congelava a respiração dos jovens; ouvia, na surdina, os sonhos natalinos dos pequenos adormecidos e separava-lhes a alma do corpo; nas feiras de natal seu olhar de morte atingia as pequenas criaturas maravilhadas.

E Deus, ao ver tudo isto, enviou o Salvador do Mundo, o Menino Jesus.

As velas e os corações queimavam, pois o amor viera ao mundo, o amor de Deus. As velas queimavam na árvore reluzente e nos sarcófagos brancos. O amor divino reluzia por entre os enfeites da árvore e evolava-se do perfume do pinheiro. A Paz, a Paz de Versailles, porém, atravessava em vibrante esplendor os alquebrados olhares infantis e ria.

E o Menino Jesus estava no meio do povo, no meio das crianças, enquanto a Paz terrível estrangulava, asfixiava, matava. E o bom Deus via isto.

Então, a Paz exigiu a vida do Salvador, pois ela não o conhecia, o pequeno Jesus, o amor de Deus. E quando Deus viu que a mão assassina do diabo da Paz alcançava a ferramenta do Seu amor, do Seu amor divino, o universo estremeceu, pois Deus, o Senhor, pulou do Seu trono. A mão punitiva de Deus abateu o monstro da falsa Paz. O povo, que glorificava a bondade de Deus com salmos e hinos de louvor, respirou aliviado.

Deus andou por toda a terra e, na floresta escura de Compiégne, encontrou um homem, que havia sido espancado, torturado e amarrado, de modo que não podia se mover.

„Quem é você?” Perguntou o bom Deus. „Eu sou a Paz Mundial”, respondeu com dificuldade o que estava amarrado; „os meus inimigos me mantêm há anos preso aqui. Em breve morrerei. Ah, se os homens me salvassem; demônios me dominaram!” „Quem são os que o amarraram?” Indagou o Todo Poderoso.

„Senhor, não conheço seus nomes, mas eles se denominam de membros do Supremo Conselho; e este Supremo Conselho raptou-me e, em meu lugar, colocou a Paz Mundial, a Paz de Versailles. ”

Então, inclinou-se o Todo Generoso em direção à pobre alma, soltou-lhe as amarras cortantes, fortaleceu-o com força divina e conduziu-o ao povo abatido.

Deus andou pela terra e viu as mães chorando, que reclamavam os seus filhos, mortos pela falsa Paz e foi, então, tomado de grande compaixão. No céu, conclamou todas as vítimas da falsa Paz à sua presença e, na mãozinha de cada criança, depositou uma luz, pedindo-lhes para vagarem com as suas luzes, noite após noite, pelo caminho celeste, a fim de consolarem as mães que choravam.

Então, o mundo novamente se alegrou, pois a autêntica, a verdadeira Paz havia retornado.

E, pelo mundo afora, noite após noite, resplandeciam as luzes para o consolo das mães das crianças assassinadas, para o espanto e dor de consciência dos malfeitores de Versailles e como advertência às gerações futuras.

Fonte: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí, Ulrich L'w, 1924, p. 101-102.

Tradução de Alceu João Gregory.

Revisão de Celeste Ribeiro de Sousa.